

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Redacção e Administração: R. da República, 56 A — 1.º e 2.º Andar — Tel. 34.

Composição e impressão: Tipografia Minerva Vimaranesa — Rua de Santo António, 133

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

VISADO PELA
DE CENSURA

A PRIMEIRA PROFECIA

*Dorme o Recém-nascido em seu bercinho estreito,
os dois lírios das mãos poisados sôbre o peito.*

*Lá fora, a noite é fria, o vento assolador.
Só os astros, no céu, luzem com mais fulgor.*

*E os olhos da Senhora, a contemplar o Filho,
irradiam, também, um fundo e estranho brilho.*

*E' mãe, — e, para as mãis, resume-se o universo
no recanto do lar onde se abriga um berço...*

*E a Virgem, contemplando o cândido Menino,
murmura: — "Qual será na Terra, o seu destino?"*

*"Triunfador, erguendo ovante e desfraldado
o pendão de Israel há tanto escravizado?"*

*"Profeta, semeando em toda a Palestina
o abençoado grão de uma nova doutrina?"*

*"Se vem para exaltar o Amor nobre e fecundo,
salvar a Humanidade e reinar sôbre o Mundo,*

*"¿ qual o trono real, em ouro e pedraria,
que a nossa gratidão tem de lhe erguer um dia?"*

*E sorria, enlevada em dúcida esperança...
Neste momento, as mãos da pálida Criança*

*afastaram-se; e, imersa em seu sono inocente,
abriu, a um lado e outro, os braços, largamente.*

*E a Mãe estremeceu... O Menino-Jesus
lembrava um condenado em cima de uma cruz...*

CAMPOS MONTEIRO.



JESUS

OS sábios tentaram demonstrar que Jesus não existiu. O homem, justo ou pecador, demorou neles o seu olhar e disse consigo:

— "Jesus está dentro de mim, como a raiz na árvore e a estrela no firmamento. Vejo-o por igual na paz e na guerra, no bem e no mal."

*

Um pobre cego correu as estradas — de mão estendida, a pedir pão para a boca. Nada lhe deram. Chorou toda a noite, e das suas lágrimas nasceu Jesus.

*

Um senhor feudal — passou-se isto na brumosa e bárbara terra de Flandres — tinha um vizinho, poderoso e soberbo como ele. Os seus castelos afrontavam-se. Dividia-os um ódio torvo, — um ódio que se dividia em ameaças e cuteladas. — Como hei-de exterminar o meu inimigo, vencendo a negra sombra que lança sôbre o meu ser e sôbre o meu poder?

E arditosamente, hipócritamente, mandou-lhe propor paz e amizade. O outro acreditou como boa a palavra desleal. E certa noite, entrega-se-lhe, — confiado no sagrado direito de hospitalidade.

Houve um grande festim: os convives comeram e beberam, até que a razão e a decência taparam o rosto. Soou, então, a hora do crime!

O castelão mata o seu hóspede e todos os que o acompanhavam. E no meio dos seus servos entusiasmados brada: — "Venci!" Terrível vitória a sua... Nunca mais teve sossêgo — nem de dia nem de noite. Mandou arrasar o cas-

telo do vizinho, para riscar da memória a sua lembrança. Intil: era o seu companheiro constante e infatigável. Trazia-o no sangue, na alma e na respiração. Desvaído, crescia para ele, de punhal desembainhado:

— Porque me não largas, sombra implacável?

E, numa luta sem tréguas com o seu remorso, perdeu a braveza, a paixão, a fúria bélica e assassina. Construiu uma igreja e dentro dela o seu túmulo.

Para lá foi o seu triste e magro cadáver.

E mesmo depois de morto, o pavor não deixa repousar as suas cinzas. Ergue-se alta noite, gemente, uivante, e com as unhas recurvas tenta apagar o epitáfio que no mármore canta as suas falsas virtudes: — "Aqui jaz o muito alto e justo barão de Merck..."

Muita gente o viu ocupado em tão arripiante tarefa. E parece que a sua voz gelada murmura:

— "Jesus, Jesus, perdoai-me!..."

*

O Evangelho só fala de Jesus e do milagre único da sua passagem na terra. Livro de todo o saber, tesouro de toda a grandeza... Nele se compendia uma ciência — a da perfeição. A sua leitura nunca saciará, porque os homens não podem rasgar a sua carne nem emudecer a sua alma: numa e noutra se encerra a vida e a morte, e também o sofrimento que as liga, como as algemas os braços dos cativos.

*

Jesus aparece nos berços às crianças que sonham e nas

serras aos pastores que dormem entre os seus rebanhos. E' assim que ele mantém no mundo a sua realeza, erguendo os inocentes e os simples, sem os despertar.

A' porta do mesmo templo encontraram-se duas mães: olharam uma para a outra e beijaram-se como irmãs.

— Que vens tu pedir a Jesus?

— Saúde para o meu filho.

— Pois eu venho suplicar-lhe que faça do meu o mais destemido e o mais sábio dos homens.

— Contento-me e serei feliz com aquilo que tu não queres!

*

Herodes deu ordens terminantes para que Jesus fosse degolado, com temor de que ele um dia lhe tirasse o trono, proclamando-se rei de Judá. Era um político sem escrúpulos, duma prudência tremula e grotesca.

Jesus escapou, cresceu, iluminou Jerusalém e conquistou o mundo.

Herodes ficou debaixo do Evangelho, esmagado e confundido, a bradar:

— Salvem-me, salvem-me deste suplício!

E em certa página de S. Lucas lá está o déspota, a escastrar na sua raiva impotente, como, na Ceia, aparece Judas, a meditar na traição, perante o Divino Mestre.

*

Quando nós estamos a braços com a dor, sentindo que as nossas forças não chegam para quebrar as cadeias que nos amarram, cairíamos no chão vencidos, se o pensamento e o coração nos não amparassem. Jesus vem para nós docemente e revive a sua Paixão na nossa paixão.

*

Certo cavaleiro — nos véhos tempos da cavalaria — encontrou, na sua estrada dura e pulverulenta, uma pobre don-

zela abandonada. Pegou dela e assentou-a ao pé de si, com uma má intenção no peito.

Passou-lhe um braço em torno da cintura e pôs-lhe um beijo de fogo e pecado na boca. Ela disse-lhe simplesmente, castamente:

— "Porque me ofendes e me afrontas?"

Compreendeu que procedera mal e pediu-lhe perdão. Conta a lenda que ela desapareceu subitamente, ao abrir os lábios para falar.

Para onde teria ido?

O cavaleiro, com a vergonha do que fizera, resolveu não descansar, em sua busca. Andou meses e meses por montes e vales, quasi sem comer nem dormir. Roto, fatigado e cheio de tristeza, resolveu voltar ao sítio em que a achara. Oh! maravilha! Ela lá estava, com o lindo rosto banhado em lágrimas.

— Porque choras?

— Tenho fome e sede de ti, desde a hora em que te deixei!

— Limpa o rosto e partamos juntos.

— Impossível, cavaleiro; mas esperar-te-ei fielmente, neste destêrro, para reanimar a tua fé, quando ela fraquejar, fugindo de ti logo que tu julgues que aos teus braços e aos teus desejos tudo é permitido.

— Penarei eternamente, não é verdade?

— Não, porque das tuas máguas brotará sempre a certeza de que eu te espero.

— E quem és tu, que assim te apoderas do meu destino?

— Sou a imagem do que em ti há de mais puro; sou a imagem de Jesus na tua marcha para o Bem.

JOAQUIM MANSO.

"NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS,"

deseja BOAS-FESTAS

aos seus colaboradores, assinantes, colegas, anunciantes e amigos

A Noite de Natal

HÁ decerto muitas almas sensíveis que, nas horas deliciosamente evocadoras da celebração do Natal, pensam com emoção no nascimento de Cristo, que deu ao Mundo a igualdade e o amor, num dos mais sombrios momentos da Humanidade e já quando os seres conscientes começavam a desesperar da vinda tão ardentemente desejada do Messias. Também houve lá olhos cândidos que se iluminaram dum fulgor de alegria e bocas inocentes em que desabroche a vermelha flor do riso, quando alguém lhe falar do vého de atributos mitológicos e de longas barbas brancas de neve, que chega de paragens encantadas, amparando os passos vacilantes ao seu bordão de encosto, para trazer as mais belas surpresas aos pequeninos que rezam a Jesus, erguendo as mãos à beira dos berços virginais, e que crêem nas fadas que descem, num raio de luar, das árvores edénicas em que florescem estrelas, para oferecerem às crianças suas amigas regaçadas de brincadeiras — que são as rosas por elas colhidas, a uma claridade suave, nos vergéis do céu.

A comunicativa poesia da festa da Natividade — que é duma beleza espiritual tocante em todo o Norte do País — está, porém, na sua intimidade familiar. O que se passa de portas adentro em cada lar, tanto nas vivendas mais opulentas como nos casebres mais humildes, e que será intraduzível por palavras sem cor, ritmo, vôo lírico, é, realmente, dum enlevo indizível. A noite aproxima-se, gradualmente, cheia de mistério, depois de um dia ruidoso e inquieto, e começa a desdobrar, com dedos vagos, o seu veludo negro e macio. A sombra escorrega dos beirais dos telhados e das ramarias sem folhas, leve e tênue como uma renda; alastra-se no chão em largas nódoas; amontoa-se aos cantos. A pouco e pouco, devora toda a vida e apaga a última radiação da luz diurna. Tudo escurece, e no negre que se adensa cada vez mais, parece escutar-se o murmúrio de vozes páldas e harmoniosas, que dir-se-ia saírem de bocas angélicas, cantando em jardins outonais, pelo crepúsculo...

As ruas dos bairros pobres ou elegantes e de nobres linhas arquitectónicas, as perspectivas sumptuosas, as praças públicas ficam ermas, sob os reflexos dos globos eléctricos. Então, brandamente, cerram-se as portadas que respiram para o ar livre, correm-se as vidraças e desde logo se faz:

uma solitude que nenhum barulho, mais forte, nenhum grito mais vivo interrompem. O silêncio que dá a impressão de pairar na atmosfera, sob o dossel cintilante das constelações, não tarda a envolver toda a casaria, embalando-a no seu pesado sono.

Exteriormente, a tristeza é imensa, a desolação infinita; um pavor secreto apodera-se-a de nós; interiormente, porém, em cada habitação haverá um alvoroço contente, acompanhado pela música da sonora gargalhada infantil.

Toda a família está presente. Apenas faltam os que andam por terras estranhas, para além das vastas e amargas águas do mar, ou os que a morte igualitária arrebatou; mas os ausentes terão quem piedosamente os recorde com lágrimas serenas ou dolorosas. E', justamente, para as purificadas evocações de memórias veneradas ou de figuras que se esbatem em tintas discretas que se realiza esta reunião tradicional!... Na lareira, em fogueiras de altas labaredas, ardem as pinhas resinosas ou a lenha bem seca que o lume pulveriza em brasidos rutilantes. Do mais remoto passado acodem, em revoadas, lembranças que vêm de longe, perfumadas de sonho e de graça, como se fossem divinas e tivessem atravessado as regiões maravilhosas da claridade sideral. A noite é de ternura. Fala-se de tudo, porque nesse instante nada se esquece. Coisas há muito tempo olvidadas acordam de repente nas sensibilidades, para dizer a sua história luminosa ou dramática, e sombras queridas que se tinham sumido subtilmente ressuscitam, erguem-se da escuridão em que jazem, para se sentar ao lado dos vivos, afagando-os com mãos invisíveis. Mantêm-se silenciosas, de certo, mas sentem-se perfeitamente, embora os seus corpos não tenham volume e no seu verbo não haja sonoridade.

Enquanto não chega o momento da ceia, o bulício aumenta e sobe como uma canção. Há segredos que todos conhecem e que ninguém revela. Na casa, francamente aberta e iluminada, nota-se, todavia, que uma sala permanece fechada como um sacrário.

Por que? Anda lá dentro gente que agilmente prende à famosa Árvore do Natal os seus frutos esplêndidos, cobichados pela infância: espadas, tambores, automóveis, quêpis, aves de toda a sorte, carnos, cornetas, caixas de rebuçados, carneirinhos que balam, soldados de chumbo, metralha-

O Presépio de Jesus

Não presépio de prata, pequenino,
Onde a luz em revêrberos se espalha,
O corpo côr de rosa do Menino
Descansa levemente sôbre a palha.

Os pasterinhos cantam o seu hino
Ao som do pandeirinho que bimbalha...
Respira-se na igreja o ar divino,
Uma Crença-Maior a igreja orvalha.

E' a descrição (de há quasi dois mil anos)
D'Aquêlê que, por fim, brutais tiranos
Mataram numa cruz sem piedade!

D'Aquêlê que nasceu p'ra nos salvar,
D'Aquêlê que morreu a perdoar
Ao mau-ladrão as praças de ruindade!

Dezembro de 1941.

DELFIN DE GUIMARÃIS.

O PROPRIETÁRIO DA FOTOGRAFIA BELEZA
DESEJA A TODOS OS SEUS ESTIMADOS
CLIENTES E AMIGOS UM ALEGRE NATAL
E UM FELIZ ANO NOVO.

21/12/1941.

doras, couraçados, canhões, aeroplanos, etc...

Estas preciosidades tentadoras, que olhares curiosos entrevêm através do buraco da fechadura, serão sorteadas, por entre ruidosas contendas, protestos, amouros — porque a meninice é inconciliável no seu egoísmo...

A noite de Natal, em terra portuguesa, é para abnegações, elegias e afectos. No entanto, à ceia consagram-se os maiores cuidados. Sobre mesas em que as flores são mais frescas e exalam mais aroma, estende-se a toalha rica dos grandes dias, resplandecem as pratas, que fuscizam de brilhos súbitos, ao dardejar da luz, relampejam os cristais. Vinhos de tons quentes, de ricos coloridos, dormem em garrafas facetadas. Em certo momento começam a desfilar, em travessas fumegantes que vêm da cozinha, o bacalhau cozido com as couves pencas, o bacalhau esfiado, os bolinhos louros e tostados do calor, os grelos, as rabanadas de leite e mel, os mexidos, as uvas passas, as nozes, o vinho quente, tôdas as savorosas comidas nacionais que a tradição manda servir na Consóada. Os cozinhados, feitos ao som das cantigas idílicas, são saudados, sempre que aparecem, com calorosas saúvas de palmas, no meio duma jovial gritaria. E, atrás deles, surgem os tabuleiros com tangerinas semelhantes a novelos de ouro, com maçãs rescentes, com frutas secas.

A refeição é lenta, come-se devagar, enquanto se narram histórias pitorescas que são sublinhadas com risos, ou se aviventam acontecimentos tristes, que fazem chorar...

De fora, das ruas desertas, não vem o barulho mais leve, um simples rumor de passos. Naquele ditoso instante, até os mais desgraçados encontrarão um buraco em que se refugiem com a sua ilusão ou a sua amargura; e os que são ditosos experimentarão, certamente, uma doçura íntima ao pensar que quando há tanta fartura, é justo que ninguém tenha fome, por um dever de solidariedade humana! Mas tôda a concentração de espírito ou tôda a meditação se tornam impossíveis. Inesperadamente, durante uma conversa mais séria e escutada com atenção pelos adultos, parte dum ponto afastado uma chiireada primaveril, em louvor da Arvore do Natal, que, por fim, a criança pode admirar no esplendor da sua florescência milagrosa.

Como ela frutificou, sob as nevadas de algodão em rama! As suas ramarias brilham das côres estridentes dos frutos esplêndidos — vindos, em caixas de papelão, dos estabelecimentos. Na excitação que deles se apodera, diante de tanta riqueza, os pequenitos que ainda não conhecem a vida com os seus males irremediáveis, as suas trações e os seus ódios, farandolam à volta da Arvore, reluzente de lumes, à espera do momento em que mãos ousadas a assaltem para uma generosa distribuição de prendas!

Horas, na realidade, deliciosas as que se passam nesta noite cristianíssima, que ao misticismo alia um delicado encantamento! Para as famílias que lhe consagram um puro culto, a existência confina-se, enquanto ela dura, entre as quatro paredes em que se acoutma, para o gozo dum inefável momento de felicidade.

O Natal! Há realmente um som de sinos de ouro e de cristal nesta doce palavra! Basta murmurá-la para que, imediatamente chegue até nós, do fundo do passado, uma voz lírica e religiosa reavivando, para os que já vão descendo a encosta da montanha simbólica, tudo o que foi amado e morreu.

João Grave.

ÁRVORE DO NATAL

Diz Ramalho Ortigão que o Natal é a Festa da meninice e dirigindo-se às criancinhas fala-lhes assim: «Ide, queridas amiguinhas! Ide divertir-vos e levai convôso a bênção de alguém que vos contempla através da cintilação trémula de uma vêlha lágrima!

Aquele que vos fala já foi em tempos — há bom tempo — aquilo que vós hoje sois, e teve também a sua festa inteiramente desanuviada, absolutamente feliz como a vossa». E depois, ao referir-se à Arvore de Natal, lê diz: «A Arvore de Natal braceja as dádivas encantadoras sôbre o grande baile em miniatura...» E mais adiante, ainda a respeito da Arvore, continua: «...A única diferença é que nessa remota idade e no obscuro canto do mundo em que êle nasceu, a Arvore de Natal era ainda uma instituição desconhecida».

Como se vê, Ramalho Ortigão não condena a Arvore de Natal e até fala dela às crianças do seu tempo com devoção pelo que, de facto, ela constitui para tôdas as crianças uma alegria, uma satisfação, sem que, no entanto, isso prejudique o encanto do vêlho Presépio, também tão profundamente infantil, mas mais digno de figurar em lugares de selecção... Sem dúvida que o Presépio é objecto de culto e data de mais remotos tempos do que a Arvore de Natal, o que não quer dizer que a existência desta prejudique a veneração daquele. E a propósito, passamos a transcrever do Semanário «The Anglo-Portuguese News», de 13 do corrente, o seguinte:

«O Presépio ou Arvore de Natal

Continuava acesa a polémica entre os partidários do Presépio e os da Arvore do Natal. Invoca-se o carácter cristão, tradicional, português do primeiro, verbera-se a qualidade germânica, naturalista, da segunda. Mais tarde, esboçou-se um tímido movimento de contemporização que pretendia que o Presépio e a Arvore não eram incompatíveis. Até *A Voz*, que condenou tão radicalmente o culto racionalista da Festa da Arvore, obtemperou que não parecia haver motivo para deixar de se pendurarem os bonitos na arvore — que para isso tanto se presta — ou usá-la mesmo para ornamentar o Presépio. Mas a Acção protesta contra tal conciliação. Tudo ou nada! E no ardor da polémica chega a afirmar que os presentes penduram-se tão bem, ou melhor, no candeeiro, nas cadeiras, nos reposteiros.

Este ponto de vista parece um tanto exagerado. Há na verdade, neste momento apocalíptico da nossa civilização, razões de sobra para odiar tudo quanto se prenda com o culto do fogo e da floresta, ou evoque a memória de Wotan, Freya ou Rosenberg. Mas será realmente preciso invocar esses horrores quando se arma uma arvorezinha cintilante de luzes e ornamentos e rodeada por crianças encantadas, numa festa de Natal?

O essencial é não deixar que o Presépio deixe de ter o lugar principal no lar cristão. Mas é também preciso notar que a entronização solene do Presépio numa sala requiere uma atitude de reverência correspondente da parte dos circunstantes. Converter a imagem do nascimento do Deus menino em simples símbolo patriótico seria feio; tão feio ou mais feio como substituí-la pela Arvore do Natal.

Seja, porém, como for, a Festa de Natal continuará a manter a sua tradição, a qual, conforme a opinião de alguns historiadores, foi instituída no ano de 138, era Cristã, sendo, por isso, uma das mais antigas que o Cristianismo celebra. Nos primeiros dois séculos da sua existência foi uma Festa móvel, ora celebrada no mês de Janeiro, ora no mês de Maio, acabando por se tornar fixa no século IV, uma vez marcada no calendário eclesiástico a data verdadeira no nascimento de Jesus, que foi o dia 25 de Dezembro. E' também Ramalho Ortigão quem diz acerca do Natal: «O Natal é a Festa das lágrimas para todos aqueles para quem êle não é a Festa da inexperiência. E todavia é preciso não esquecer, não deixar de celebrar. Para nós, Portugueses, ela está no âmago da tradição, está na insti-

Críticas Pequenas

Apanha a gente cada bofetada!...

No mesmo domingo 14 do corrente em que estranhei que a *Nova Floresta* não desse trechos à Antologia de Bernardes, organizada por Mário Gonçalves Viana, nesse mesmo dia a *Educação Nacional* dos meus anseios, numa transcrição da *Brotéria*, sorria-se a dizer-me: «A *Nova Floresta* vai ser publicada em volume aparte.»

Nota curiosa: — A *Brotéria*, recebida em 8, dizia mais: «A *Nova Floresta* foi publicada em volume à parte.» São duas bofetadas bem flagrantes!

Se na Porta da Vila já apareceu essa *Nova Floresta* em selecção de escol, os meus olhos não a enxergaram.

Para castigo meu, tive enjejo de num fôlego fatigante ler e relancear a *Arte de Pensar da Coleção Didáctica*, do mesmo Publicista atarefadíssimo.

Vinte e quatro capítulos enchem as três partes do interessante volume.

A gente lê, enquanto pode, e avança em relances, quando precisa, e fica a dizer aos seus botões: — Como é que Mário Gonçalves Viana arranja método para documentar tão justamente e tam variadamente as suas asserções?

Que vasto e selecto ficheiro tem este Estudioso para trabalhar tanto e tam bem?

Uma Obra já tam larga e tam distinta!

Essa Obra é já uma Biblioteca inteira!

No domingo 14 viu Braga bem lembrado o Centicinquentenário da Fundação do Colégio dos Órfãos, a obra mais que benemérita do insigne Arcebispo D. Frei Caetano Brandão.

Entre as várias Homenagens ao Prelado Eminente salientaram-se o *Janeiro* de 7 com a prosa excelsa e erudita de D. João de Castro e o *Correio*, braguês, de 14 com o sôbrio poema de Henrique Luso.

Ao Prelado e seu Colégio tôda a honra!

Cheinho de interesse Agostinho de Campos no *Comércio* tripeiro do mesmo domingo 14.

Formosa Homenagem a Osvaldo Cruz que libertou o Rio da febre amarela e ao seu excelente sogro, o português Manuel José da Fonseca, que inteligentemente forneceu meios ao genro para em Paris se preparar para a Grande Batalha em que cantou uma Vitória cheia de benemerências.

Osvaldo Cruz é um nome a relembrar!

JESUS

Nasceu como os indigentes,
entre animais inocentes
que no berço o bafejaram.

Morreu como os condenados,
entre homens desnaturados
Que sem dó o crucificaram.

Homem, fera, lobo e cão
Qual de vós é nosso irmão?

ROCHA JÚNIOR.

tuição da família. A Ceia do Natal é uma das formas do nosso culto exterior da família e da Pátria». O que resta, pois, é conciliarem-se os partidários da Arvore e os do Presépio e, todos juntos, cantarem: «Vimos dar as boas festas A todos nobres senhores Que já nasceu o Menino Em Belém, entre os pastores.»

CARTA DESPORTO

A UM SOLDADO

EXPEDICIONARIO

Tive o prazer de receber as tuas notícias, as primeiras que me deste desde a tua partida para aí. Dizes-me que principiaste a sentir as primeiras saudades com a aproximação da Festa do Natal, a primeira vez que a vais passar ausente e, portanto, sem poderes estar na companhia de teus adorados Pais. Por outro lado, consolaste-te com o facto de saberes que esses teus entes tam queridos se encontram conformados com o teu destino, uma vez que partiste em serviço da Pátria e com a firme resolução de a defenderes com o sacrificio da tua própria vida, se tanto for necessário. Também dizes que as saúdades do Natal fora do teu lar paterno têm como conforto os conselhos que teus Pais te deram na hora da partida, no sentido de não trocares por nada os teus deveres para com a Pátria, pois só assim poderias tornar-te digno das qualidades de bom filho e de bom patriota.

Ainda bem que tanto teus Pais como tu sabeis compreender com elevação e arraigado patriotismo o significado da sublime e encantadora palavra «Pátria», sobretudo quando Ela ordena que todos os seus filhos se juntem em volta da sagrada bandeira que a simboliza.

Só assim, meu amigo, se compreende, de facto, a qualidade de ser bom português, colocando em primeiro plano, os deveres para com a Pátria e não seguindo o exemplo ignóbil e criminoso dos que cobarde e traiçoeiramente a abandonam quando por qualquer circunstância são chamados a ocupar os seus postos, quer como superiores, quer como subordinados. Esses, evidentemente, só podem ser classificados de maus portugueses e de traidores, visto trocarem o sagrado cumprimento dos seus deveres cívicos pela cobardia, pela traição, pelo gozo das suas comodidades, pela ingratidão, etc. Felizmente, tu não queres pertencer ao número desses indignos filhos da Pátria amada e isso constitui para ti o maior titulo de glória, porque se tiveres de verter o teu sangue longe da tua família e no cumprimento dos teus imperiosos deveres, deixarás, sem dúvida, a amargura da saudade, mas a par dela deixarás também o honroso e dignificante exemplo da educação que recebeste de teus Pais.

Creio, porém, que hás-de regressar mais homem e mais português e, então, terás a suprema consolidação de veres transformadas as pétalas das flores da saudade do Natal de 1941 em outras de côres garidas e variadas a enfeitarem a mesa onde costumavas comer a ceia do Natal no meio do alegre e confortável convívio da tua família. De resto, felicito-te pela forma como pensas e oxalá assim continues a pensar.

Abraça-te o teu am.º

Z. da A.

Campeonato Distrital

O «Vitória» bateu o Sporting Club de Fafe por 3-1.

A favor de um infeliz jogador.

O «Vitória» foi no passado domingo defrontar o Sporting Club de Fafe, no seu campo, ganhando por 3-1.

A exibição dos campeões, porém, não agradou, pois o jôgo desenvolvido foi pobre de técnica e de entusiasmo, e isto apenas devido à carga de nervos de que quasi todos se deixaram invadir. Na primeira parte, sobretudo, jogou-se o pior possível.

Sendo certo que o encontro envolvia muita responsabilidade para a classificação e que os fafenses são lutadores voluntariosos e sempre para temer, não podemos deixar de reprová-los pela falta de serenidade e de sentido prático que revelaram.

O triunfo conquistado não nos impede de dizer a verdade.

Ganhou-se, é certo, mas podia-se e devia-se ter feito muito melhor.

Marcaram os tentos: Alexandre, 2; Miguel, 1.

Com o resultado deste encontro, o «Vitória» tem a passagem livre para a posse de novo título de campeão.

O que tem de ser, tem muita força!

Pantaleão, o irrequieto jogador do «Vitória», que nunca, sob qualquer pretexto, trocou a sua equipe, procurando sempre dignificá-la em ardorosas lutas, está doente de um mal horrível, de um mal que não perdoa.

Para o socorrer na sua desdita, pois vê-se sem recursos, vão os que foram seus companheiros de equipe, no jôgo final do presente Campeonato, a realizar no Benlhevai, levar a efeito uma quete.

Certos estamos que os desportistas vimezanenses saberão acolher generosamente a simpática iniciativa a favor do desventurado moço que honrou o futebol vimezanense.

J. G. F.

Hohner (229)
Acordeons
Hohner
Gaitas de Belçois
III
Representante em Guimarães:
António Guise

Alfaiataria de roupas feitas

Trespasa-se o estabelecimento de roupas feitas, na rua de Gil Vicente, com os números 87-89-91, de que é proprietária D. Maria Madalena de Oliveira Lopes, em virtude de esta ter de se retirar para fora da cidade.

Para informações, queiram dirigir-se à sua proprietária, na referida rua.

Criado, sabendo de agricultura, pomar e horta, oferece-se.
Carta à Redacção deste jornal.

JÓIAS LITERÁRIAS

«Mulher's, há tantas, que é preciso Poupar o galanteio e ser banal no riso! Ele há tanta mulher! mas por que fantasia Entre tantas, só uma a nossa simpatia Distingue, escolhe e quer! Uma só avassala, Nos dulcifica o olhar e nos perturba a fala! Quando ela passa o ar tem um perfume casto, Embriga o sorriso! Quando nos olha, o vasto Campo negro do céu, cheio de tanta estrela, Nenhuma tem, com luz, que imite os olhos dela! Em tudo nos parece extraordinário ser: Na graça do andar, no mimo do dizer; Tudo nela é tão bom,» desde os broches grandes A's pérolas e aneis comprados no FERNANDES, — Ourives sem rival, — Rua de Paio Galvão —, Por preços de fazer ao povo admiração!

Crónica Tripeira

Das Lágrimas

Ainda o homem não havia sido imposto ao mundo como o rei da criação nem tampouco existia a noção de tempo por falta de inteligência que o delimitasse e compreendesse.

Ouve-se o assobio estridente duma cobra, entre o silêncio mortuário duma tarde estival. Um pardal acorda do sono, espreguiça as asas, fixa os olhos semi-cerrados na sua ninhada e diz-lhes:

— O nosso camarada melioda parece que soluça lânguidamente. Talvez seja do calor asfixiante! Vamos para a sua beira excitar-lhe a vida com a barafunda desarmônica dos nossos cânticos.

Em alegre revoada, ei-lhos na coruncha dum pinheiro, cujas pinhas estrelavam e se abriam de calor.

Uma cobra enorme, escondida entre o mato, firma-lhe os olhos hipnotizantes e chasqueia alegremente:

— Mais vale um poder atractivo que milhões de asas rasgando o espaço. Quando o alimento aparece no próprio repouso, bendito o sol que convida à modorra da sombra. E o pardalito mais novo, saltitando dolentemente de cano em cano, num constrangimento de vontade, impossível de remover, vem cair-lhe na boca ofegante.

Os pais e os irmãos choram por longo tempo esta perda. Foram as primeiras lágrimas do mundo e a primeira ingratidão que os ecos longínquos escutavam.

Num palácio riquíssimo dum rei antigo realizava-se uma grande festa, comemorando uma conquista arrojada e heróica. Grande entusiasmo, macabra profusão de luzes e a mais fina estirpe do reino. Só faltava a princesa.

Alguns cochichavam: — Aproveitou-se da alegria da corte para noivar, maliciosamente, em qualquer refúgio do palácio.

O rei, procurando-a, sobresaltado, foi encontrá-la no quarto, pensativa e triste.

— Por que te escondes nesta hora de gloriosas evocações? Não vês essa espada que quizes trazer para aqui? Ainda tem sangue do último que tentou resistir à minha passagem. E esta coroa de ouro e diamantes será tua no momento em que eu fechar os olhos.

— Meu pai! Não é com espadas que se dominam as almas nem o sangue dos vencidos deve servir-nos para as libações da alegria.

— Mas diz-me o que desejás. Indica-me o reino que mais te convém e eu e os meus homens iremos já amarfanhar os seus possuidores. E's rica e formosa. Que te falta? Aparece à janela e verás que todos se curvam como diante dum deus.

Olharam-se mudamente. A princesa levanta-se e arranca da harpa uma balada triste, tam triste como a sua alma. O rei comove-se e a filha arroja-se para o leito e soluça com amargura:

— A alegria das vitórias não chega para estancar as lágrimas do sofrimento. Chorar é o imperativo do destino e o ouro só é aproveitável quando, depois de temperado nos altos-fornos, se funde em lágrimas chamejantes.

Pelos olhos observa-se a natureza inteira e é no espelho das lágrimas que se reflecte a vida interior.

Quanta amargura há por esse mundo além! E' talvez por ser muito grande a quantidade

Sinfonia da noite

E' noite... e a solidão cismática da vida se apoderou da tarde a esmorecer. — Fogueira que se apaga — e a fez esquecer já!

E a esses raios dum sol acobreado a espalhar melancolias... E' noite.

E a orquestral repésida do dia que se foi começa então... Mil gritos em surdina da alma em vibração cantando nostalgias...

Dantesca orquestração dessas almas vencidas cantando e rindo, rindo e chorando, comungando ilusões!

E a noite, avança então pela estrada sem fim e não pára!!! Tudo alcança em cavalgada atroz; depara co'a ilusão, medita um instante, — que não é um segundo! — E vai-se... não parando jamais...

Ao longe, muito ao longe, uns queixumes, uns ais.

GUI FALCÃO.

O Problema da Habitação

Com a assistência das autoridades, direcção e associados da Cooperativa, «O Problema da Habitação», procede-se á, hoje, solenemente, à entrega de dois novos e bonitos prédios aos associados n.º 102 e 129 respectivamente à menina Maria Oliveira Campos Guise e ao Sr. Sebastião Mendes, situados nas Avenidas dos Combatentes da Grande Guerra e dos Pombais.

Os actos em referência, que se efectuam ás 15 e ás 16 horas, devem merecer o interesse de quantos estão inscritos no «Problema da Habitação», sabido que esta sociedade tem cumprido exuberantemente a sua missão só em recordar se que actualmente estão em construção 10 prédios e que ao iniciar o novo ano, outros 6 serão começados.

Felicitemos vivamente a direcção da Cooperativa por este novo passo dado em favor do progresso da cidade, exaltando o seu benemerente papel em favor daqueles que nela se inscrevam.

A voz dos sinos de Portugal

A Ensiadora Nacional gravou o som dos sinos de Portugal, para os levar através do mundo na quadra festiva do Natal.

Sinos da minha Pátria a badalar, Chamando os fiéis ao seu santo dever. Sois a voz da nossa alma em seu clamor. Pelo favor de Deus pra nos valer!

Vozes dos sinos são as nossas almas: Ou repiquem festivos um noivado, Ou lembrem às trindades horas calmas, Ou cororem de graça um baptizado!

Quando dobram tristonhos a finados, Quando tangeam rebate a fado acéso. Os sinos alegram os seus braços. E o nosso coração fica-lhes preso!

Se por veze, os sinos, desordeiros, São usados para o povo revoltar, Bem depressa são eles os primeiros, Para dar o sinal a serenar.

Sinos das Catedrais e das Ermidas, Dos Mosteiros, Igrejas e Capelas, Badalai, Vossas tôrres bem erguidas, Na terra tãda não há iguais a elas!

Dizei aos portugueses além Mundo Com saúdaes pensando sempre em nós: — Estes sons têm um valor bem mais profundo. Porque eles são da Pátria a própria voz!

E' a voz da saúda, o vosso lar! Os filhos, a esposa, irmãos ou mãis! Corações fiéis tristes a chorar? Muito chora o torrão de Guimarães!

Os carrilhões do nosso Portugal No som forte do bronze a badalar, Aos filhos desta Pátria sem igual. Hosanas só de amor lhes vão levar!

Celebrar no Natal missa do galo No nosso Portugal, é mais que lindo! Esta Festa revive, e sem badalo, E' a noite de Natal prazer infindo!

AURÉLIO MARTINS.

das lágrimas que os rios e as fontes ainda não separam.

As lágrimas têm um grande valor: Descarregar e limpar as súbves de tristeza que pesam sobre o coração.

São tam comuns as lágrimas na vida que até a natureza nos dá exemplos palpantes. Nas manhãs tépidas de verão, as ervas e flores silvestres saúdam o sol com o pranto húmido que se desprende das suas folhas.

Ferreira Tórreres.

CARIDADE

Table with names of donors and amounts. Includes entries like Anónimo (Beja) 4 033\$00, Manuel Pereira Maia 10\$00, Benjamin de Matos 5\$00, etc.

Por falta de espaço deixamos de publicar neste número os nomes de diversos outros subscritores.

Reforma do Ensino Técnico

Escola de Francisco de Holanda

Mais uma vez se pensa numa Reforma do Ensino Técnico ministrado nas Escolas Industriais e comerciais do País, para cujo fim se encontra constituída uma Comissão para estudar e elaborar as bases dessa Reforma.

Não sabemos se sua ex.ª se avistará com alguns dos representantes das principais actividades locais no sentido de lhe manifestarem a sua opinião sobre a natureza dos cursos que mais interessam a esta região, visto a principal utilidade destes importantes estabelecimentos de ensino consistir em dar-lhe uma feição essencialmente regional e, portanto, em adaptá-las ao desenvolvimento e à variedade das indústrias locais, assim como à importância do respectivo comércio.

Nestas condições se encontra a Escola Técnica de Guimarães, dotado, actualmente, apenas dos Cursos de Tecelagem, Debuxador, de Bordadora e de Comércio, os quais, apesar de terem produzido valiosos resultados, são, todavia, insuficientes, como já o dissemos, para uma terra como esta, onde se acentua a necessidade de bons cerralheiros mecânicos, de químicos tintureiros, de bons profissionais das quatro artes, etc., etc.

No que respeita a trabalhos femininos, igualmente seria interessante juntar à aprendizagem dos bordados a aprendizagem do corte e da confecção de roupas, conhecimentos indispensáveis do elemento feminino.

Na secção comercial, da mesma forma a nossa referida Escola é digna de possuir um curso mais completo, verificando-se que é deficiente a organização do actual Curso de Comércio, facto ao qual também já nos referimos no último número do nosso jornal.

Como se vê, a futura Reforma do Ensino em referência deve vir de encontro às necessidades apontadas e ainda de outras que, porventura, nos tenham passado despercebidas, mas das quais, certamente, o Sr. Engenheiro Mário Pacheco devia ser informado pelo ilustrado corpo docente da Escola, pelo menos pelo seu digno Director, Sr. António de Azevedo, que, não obstante não ser de Guimarães, não deivará, por esse motivo, de se interessar, dentro do máximo das suas possibilidades e das suas atribuições, pelo progresso da escola que dirige e que pelas suas antiguidades, — uma das primeiras criadas no

Table with names of donors and amounts. Includes entries like Transporte 4 033\$00, Anónimo (Beja) 10\$00, Manuel Pereira Maia 5\$00, etc.

A transportar 4 858\$00

Comemoração do Dia da Mãe

No pretérito domingo foi solenemente comemorado, nesta Cidade, o «Dia da Mãe», tendo sido celebrada missa, ás 9 horas, no templo da Colegiada.

Foi celebrante o rev. António Cândido Pires Quesado, e assistiram muitos filiados da M. P. Feminina. Pelas 15 horas e no Salão Nobre da S. M. S. realizou-se uma brilhante sessão solene, a que presidiu o venerando Arcipreste Monsenhor João António Ribeiro. Em lugares reservados sentaram-se ainda os Srs. Dr. João Rocha dos Santos, Presidente da Câmara; Dr. Avelino Lopes Leite de Faria, vice-reitor do Liceu de Martins Sarmento; D. Albina Iracema de Quadros Flores, Sub-Delegada Regional da M. P. F. e A. L. de Carvalho, representante da S. M. S.

A sessão abriu com a «Marcha da Mocidade» executada por várias filiações sob a regência da profª Sr.ª D. Clotilde Ramos. Depois falaram sobre a finalidade da grandiosa «Obra das Mães» a filiada da M. P. S.ª D. Maria do Carmo Pereira da Cunha e Castro, e o Sr. A. L. de Carvalho.

Foi feita depois a entrega da insígnia a uma graduada, tendo recitado lindas poesias as filiadas: Alzira Fernandes, Maria da Conceição Alves de Abreu, Maria Ester da Silva Fernandes Macêdo, Maria Manuela Loureiro Moreira, Maria Adelaide de Almeida Ribeiro e Maria de Fátima Cabral Paúl, que foram muito aplaudidas.

Fez-se depois a entrega de berços e enxovais ás seguintes mães pobres: Antónia Joaquina, Maria das Dóres Machado, Adelaide Pereira Leite, Maria Josefina Martins Ribeiro, Joaquina Ribeiro, Francisca Maria de Faria e Maria de Natividade.

A interessante festa terminou com o «Hino Nacional».

O amor à Terra e à Grei — eis o nosso lema.

País — categoria e natureza da terra onde se encontra instalada, deve ser sensivelmente melhorada e, por isso, integrada na importância do papel que ela tem a desempenhar no futuro, para o que se torna indispensável atribuir-lhe horizontes mais amplos, fazendo-se, assim, a devida justiça às aspirações dos vimaranenses, que não costumam pedir exageros, mas apenas aquilo a que se julgam com direito, como sucede no presente caso.

Pela nossa parte, assim o esperamos e tanto mais que Salazar assim o prometeu. E certos de que interpretamos a vontade de todos os vimaranenses, aguardamos com justificada ansiedade a justiça que será feita à nossa Escola Industrial e Comercial de «Francisco de Holanda».

DESILUSÃO

Destino tenebroso que minh'alma Esmagaste, a sorrir-te de ironia!... Coração meu, que foi dessa alegria Com que sempre pulsaste em doce calma?

Oh desditoso ser! Colhi a palma De quimeras sômente e fantasia!... De tudo que me cerca, a sombra fria Como espectro letal a uivar se espalma.

Sòzinho entre paredes, soluçando, De olhos fechados vou-me recordando... Que triste é a vida a quem se encontra só!...

F'licidade perdida, adeus te digo! Num doce engano foi-se o teu abrigo... Venturas que sonhei — sois tódas pó!...

RAMON.

A polícia descobriu a autora de um roubo

O digno Chefe da Polícia de Segurança Pública desta cidade, Sr. Francisco Correia, auxiliado pelo guarda n.º 41, Sr. Domingos de Magalhães, ao cabo de aturadas diligências, conseguiu desvendar o mistério em que ficou envolvido o roubo praticado há semanas na residência do estimado sacerdote Sr. Cónego Alberto da Silva Vasconcelos, à rua Dr. Alberto Sampaio. Está, pois, de parabéns o digno Chefe da P. S. P. pela maneira inteligente como conseguiu encaminhar as investigações e pelo bom êxito das mesmas.

Logo ao iniciar as diligências policiais, após a apresentação da queixa, o Chefe Sr. Correia suspeitou de uma criada de nome Maria da Conceição Martins que estava a umas três semanas, apenas, ao serviço do Sr. Cónego Vasconcelos. Ao ter conhecimento de que o roubo fôra praticado por duas vezes e em dias diferentes, mais se radicaram as suas suspeitas.

O roubo constava de 350\$00 em notas, em fio de ouro, um broche, dois anéis, uns brincos e um relógio de prata.

A serviçal fôra interrogada, negando firmemente ter sido a autora do roubo e afirmando ter visto um rapaz saltar o muro do quintal — rapaz que reconheceria se o voltasse a ver. Mas fez mais: Mandou «deitar as cartas» para descobrir o gatuino. Por sua vez o Sr. Cónego Vasconcelos abonara o bom comportamento da rapariga, tendo, em face disso, o Sr. Chefe Correia desviado as investigações, sem, no entanto, deixar de acreditar na culpabilidade da Maria da Conceição.

Nada, porém, conseguiu apurar, não obstante as diligências feitas e, por isso mesmo, resolveu voltar à primeira pista, submetendo a Maria da Conceição a novos e apertados interrogatórios, sem resultado. Entretanto o Sr. Cónego Vasconcelos despedia a sua criada. O investigador mandou prendê-la logo em seguida, assim como a algumas pessoas de família, da freguesia de Santa Eulália de Fermentôes.

No decorrer de nove dias, submetida a novas perguntas, habilidosa-mente feitas, a serviçal manteve-se na mais formal negativa. No dia 16, porém, resolveu confessar-se autora do furto, narrando assim:

— Que roubaras os 350\$00 e depois de, a propósito disso, ouvir dizer onde se encontrava o ouro, ao lugar indicado o fôra buscar no dia immediato, escondendo tudo nas ripas da dependência onde se guardava a roupa suja. Depois, mais tarde, indo a casa dos pais, junto à mesma enterrara todo o roubo, com o receio de ser descoberta.

Apanhada a confissão, ao fim de aturados esforços, foi feita uma busca no local indicado pela ladra, verificando-se terem sido certas as indicações. Dos objectos roubados apenas faltava uma aliança, que a rapariga afirmava ter sido dada a uma sua amiga, de nome Maria, que estava para o Porto. O Chefe Correia, porém, não acreditou e, procedendo a novo interrogatório, depressa veio a descobrir que também aquele objecto estava ainda em poder da ladra.

O Sr. Cónego Vasconcelos, uma vez na posse do que lhe pertencia, mandou pôr a infiel serviçal em liberdade, contemplando com o dinheiro readquirido algumas casas de beneficência desta cidade.

Assim ficou desvendado o misterioso roubo, acerca do qual se lançaram suspeitas sobre outras pessoas que chegaram a ser importunadas.

MOTO-BOMBA-GRUPO

Fôrça de 2 HP

com encações próprias de 1 1/2 polegadas. Contador e quadro eléctrico automático, em perfeito estado.

Lêde e propaga o «Notícias de Guimarães»

A GUERRA CONTINUA...

Essa espantosa loucura que se podia ter evitado e agora galopa cegamente, alastrando sempre a mortandade, preocupa todos os espiritos bem formados. Recordar-se a gente das palavras sentenciosas de Vitor Hugo: — «O horror é impiedoso na sua lógica fatal». Na «Defesa de Arouca», José Dias faz o seu depoimento e aponta as suas directrizes sobre o grande desvaio europeu e dêle cita-nos as seguintes passagens: Não é também pela luta entre raças ou classes que se há-de resolver o problema e dar maior tranquillidade ao mundo.

A guerra é sem dúvida um grande mal, mas a guerra actual é já uma autêntica loucura, pois já não conhece limites à sua expansão. Dizer-se, porém, que esta será a última guerra, é outra afirmação gratuita e pueril, só própria de comício e de propagação barateira, pois todos sabemos como são efêmeras as opiniões dos homens e como são frágeis com o tempo as idéias daqueles que, prometendo muito, tudo esquecem na hora do ajuste de contas.

O homem já não se satisfaz com promessas sem que estas encerrem possíveis realizações na prática e por isso mesmo urge que se encare a sério o problema social, assentando em verdadeiras reformas radicais, mas justas e humanitárias, onde todos possam compartilhar do relativo bem-estar, tanto material como espiritual e para que se acabe de vez com a triste especulação do negócio deprimente e tristíssimo que se faz com a carne humana.

E vexatório e degradante que se especule com o suor que cada um derrama na luta que trava na vida e, portanto, o principio da justiça deve estar no primeiro plano de todo e qualquer pensamento, de toda e qualquer reforma. Sem isto, jámais poderemos ambicionar a paz no mundo, porque ela só foi prometida aos homens de boa vontade, aos justos e limpos de coração.

Companhia Rentini

No penúltimo sábado a Companhia Rentini que já retirou para Vila Real, levou à cena a peça: «Um Milagre de Fátima», completando o espectáculo um vistoso acto de variedades.

No domingo immediato e em despedida da Companhia foi levada à cena a peça histórica em 5 actos e 1 quadro, «D. Inez de Castro», que agrada.

Nesse dia, como em outros anteriores, a casa estava repleta e os aplausos foram vibrantes e demorados.

No acto de variedades a simpática artista Salúquia dedicou ao público vimaranense o seu primeiro número e à Imprensa a despedida. Nesse dia Salúquia também fazia a sua despedida de solteira e julgamos mesmo que a despedida do Teatro. Por isso mesmo o nosso público, que tanto a apreciava, lhe testemunhou nesse dia, em palmas bem quentes, a sua admiração.

No final do espectáculo vieram ao palco, chamados pela assistência, todos os componentes da Companhia, assim como a estimada empresária D. Julieta Rentini, que receberam, igualmente, muitas palmas.

A Companhia Rentini retirou, como dizemos, para Vila Real, onde deve fazer por estes dias a sua estreia. Desejamos-lhe as maiores prosperidades.

GAMINHETA DE TRANSPORTES

VENDE-SE uma. Prestam-se informes na Redacção.

Cofre pequeno

Compra-se, em segunda mão mas que esteja em bom estado. Dão-se esclarecimentos nesta Redacção.

da cidade

Diversas Notícias

O Curso de lingua italiana no Liceu M. Sarmento

Por iniciativa do Instituto de Cultura Italiana, começou a funcionar, no Liceu Martins Sarmento, o Curso de lingua italiana, no passado dia 14.

A's 15 horas compareceu o Sr. Reitor, acompanhado de vários professores bem como dos alunos inscritos no curso que eram em número de 34, entre rapazes e raparigas.

O Sr. Dr. Feliciano Ramos cumprimentou e saudou o novo professor, Dr. Giuseppe Pisanti, que há dias chegou de Itália e agradeceu o valioso serviço que, a partir daquele dia, começa o Sr. Dr. Pisanti a prestar ao nosso liceu.

Em seguida fez a sua primeira lição, que caiu no agrado de professores e alunos.

As aulas de italiano são semanais e passam a ser à quinta-feira, respeitando-se o seguinte horário:

- 1.º ciclo - Das 15 às 15.50.
2.º ciclo - Das 16 às 16.50.

Boas Festas

A Direcção da Casa dos Pobres dignou-se apresentar-nos os seus cumprimentos de boas festas, gentileza esta que muito agradecemos.

V. O. J. de S. Francisco

Realizou-se, no domingo, a eleição da Mesa desta V. O. T., verificando-se o seguinte resultado:

- Ministro - Gaspar Ferreira Paúl.
Vice-ministro - Leopoldo Martins de Freitas (Dr.).
Secretário - Casimiro Martins Fernandes.
Vigário do Culto - António da Costa Pereira.
Tesoureiro - António Emilio da Costa Ribeiro.
Yogais - Aprijo Neves de Castro, Benjamin Constante da Costa Matos, João António de Sampaio, João Mendes Fernandes, José Torcato Ribeiro Júnior e Manuel de Sousa Guise.

Substitutos - Francisco Inácio da Cunha Guimarães, Joaquim de Sousa Pinto, José Carlos Simões Veloso de Almeida (Padre), José Faria Martins e Jerónimo Ribeiro da Costa Sampaio.
Comissão de Senhoras - D. Marília da Silva Passos Mendes de Oliveira, D. Elvira Zafferina da Correia, D. Maria Amélia Nogueira de Abreu, D. Maria José Faria Martins, D. Maria de Lourdes Gomes Fernandes Guimarães e D. Maria de Sousa Pinto.

Hospital da Misericórdia

Tomaram na quarta-feira posse de médicos efectivos, perante o Provedor, mesários e corpo clínico, os Ex.ºs Srs. Drs. António Vilas Boas e Alvim, especialista de doenças dos olhos, Dr. Carlos Baptista Sotto Maior, especialista de doenças da garganta, nariz e ouvidos, Dr. Alfredo Bravato de Faria - doenças da boca, e Drs. João Afonso de Almeida, João Mota Prego de Faria e Dr. Carlos Saraiva, para adjuntos dos serviços hospitalares.

Despedida

Teve a gentileza de vir apresentar-nos os seus cumprimentos de despedida por motivo da sua partida para o Pôrto, onde vai prestar serviços na Comissão de Viticultura, o nosso prezado amigo Sr. Manuel Adriano Rodrigues, que há tempos se encontrava nesta cidade. Agradecemos e desejamos-lhe muitas prosperidades.

Novo grupo recreativo

Fundou-se, no lugar de Covas, próximo desta cidade, um grupo recreativo denominado «Grupo Excursionista 1.º de Dezembro», cujos fins são: Benemerência, digressão e recreio. Agradecemos a gentileza da saudação feita ao nosso jornal em officio que nos foi dirigida e fazemos votos pelas prosperidades do novo grupo.

Serviço de Farácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da República.
-No dia de Natal estará de serviço permanente a Farmácia Pereira, no Largo Prior do Crato.

Boletim Elegante

Partidas e chegadas

Acompanhado de sua esposa tem estado em Lisboa, de onde deve regressar hoje, o nosso prezado amigo sr. Artur Fernandes de Freitas.

- Esteve entre nós, no passado domingo, o nosso prezado amigo sr. Carlos Teixeira Pinto.

- Das suas propriedades de Moreira de Cónegos regressou a esta cidade a sr.ª D. Maria de Lourdes Geraldo.

- Vimos entre nós, na sexta-feira, o nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Guise.

- Tem estado entre nós o nosso prezado amigo sr. Capitão José Guedes Gomes.

Doentes

No Pôrto, onde reside, tem passado bastante doente o nosso prezado amigo sr. Manuel da Rocha Mendes. Desejamos o seu breve restabelecimento.

- Na Lixa tem passado muito doente o nosso amigo e estimado funcionário dos Correios e Telégrafos, desta cidade, sr. Alberto Teixeira da Silva. Desejamos as suas melhoras.

Casamentos

Na igreja paroquial de Creizomil realizou-se, na segunda feira passada, o casamento da sr.ª D. Elvira Ferreira da Costa, irmã do nosso prezado amigo sr. Inácio Ferreira da Costa, com o também nosso prezado amigo e colaborador do «Notícias do Edipista», sr. António Joaquim de Magalhães, activo empregado comercial.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr.ª D. Albina Tracema de Quadros Flores e o nosso prezado amigo e distinto médico sr. Dr. Alfredo Maurício de Freitas Bravo, e por parte do noivo, seu pai, o nosso bom amigo e conceituado comerciante local sr. João Garcia de Almeida Guimarães e sua esposa.

Foi celebrante o Rev. Luís Gonzaga da Fonseca.

Após o acto religioso, e em casa do irmão da noiva, foi servido aos noivos e seus convidados, um «porto d'honra», «Notícias de Guimarães», deseja aos nubentes as maiores prosperidades.

- Realiza-se brevemente o enlace matrimonial do nosso bom amigo sr. Eduardo de Oliveira Machado, guardador da casa Amadeu C. Penafort, L.ª, com a sr.ª D. Maria Ondina de Castro Meireles. Muitas felicidades.

Aniversários natalícios

Fazem anos:

Dia 23, os nossos prezados amigos srs. Joaquim Patrício Saraiwa, João A. da Silva Guimarães e Vasco Leão Fernandes; dia 24, os também nossos amigos srs. António de Freitas Ribeiro e António Martins Ribeiro; dia 25, o nosso bom amigo sr. Casimiro Gonçalves Ribeiro; dia 28, o nosso amigo e distinto professor de violino, do Pôrto, sr. Manuel Ruivo; dia 30, o distinto académico sr. Amadeu S. da Costa Carvalho; dia 31, o estimado sacerdote e nosso bom amigo sr. P.ª José Maria Leite. «Notícias de Guimarães», apresenta-lhes as suas felicitações.

Pedido de casamento

Para o sr. António Valério Figueiredo Lopes, filho do nosso prezado amigo e estimado escrivão de Direito aposentado, sr. Luís Cândido Lopes, inteligente funcionário dos Correios e Telégrafos, foi pedida em casamento a gentil senhora D. Maria Virginia Trancoso Vaz.

O auspicioso enlace realizar-se-á brevemente. Aos noivos desejamos, desde já, as maiores prosperidades.

Baptizados

No templo da Misericórdia, servindo de paróquia de S. Paio, realizou-se, na sexta-feira, o baptizado de uma filhinha do nosso prezado amigo sr. António Laranjeiro dos Reis, estimado ajudante do Conservador do Registo Predial, desta Comarca, e de sua esposa, a sr.ª D. Maria das Dóres da Silva Oliveira Laranjeiro.

Foram padrinhos os tios maternos, o sr. Raúl Maia e sua esposa a sr.ª D. Maria Amélia da Silva Maia, de Crestuma, tendo recebido o nome de Maria Amélia.

- No passado domingo, na paróquia de S. Lázaro, da vizinha cidade de Braga, recebeu o baptismo uma filhinha da sr.ª D. Cécilia Teixeira Rebelo Marques, esposa do sr. Júlio Augusto Rebelo Marques, Agente da F. T. nesta cidade, e sobrinha do sr. Capitão Alberto Cândido Rebelo Branco, comandante da Polícia de Segurança deste Distrito.

Foram padrinhos o sr. Manuel Fernandes, cunhado dos pais e zeloso funcionário superior dos Serviços Municipalizados em Braga e sua esposa que, por procuração, representava a sr.ª D. Manuela Maria da Silva, abastada capitalista de Leiria. A pequenita foi dada o nome de Manuela Almerinda.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

Realizou-se, no passado domingo, para o Cemitério de S. Torcato, o funeral do sr. Manuel da Silva Leite, tendo-se incorporado no préstito fúnebre algumas centenas de pessoas da Corredoura, de S. Torcato e de outros lugares, assim como representantes do Grémio do Comércio

TEATRO JORDÃO - HOJE, às 15 e às 21 horas - A Caminho de Singapura - QUINTA-FEIRA, 25: A grandiosa e heróica epopeia que desafia todos os confrontos BEAU GESTE - a melhor interpretação de GARY COOPER. SEXTA-FEIRA, 26: O primeiro grande drama das tropas americanas do ar Batalhão de Paraquedistas - um filme de flagrante actualidade, com NANCY KELLY, ROBERT PRESTON e EDMOND O'BRIEN.

B.B.C. - A voz de Londres - fala e o mundo acredita - 12,15 Noticiário GRZ... 13,86 m. (21,64 mc/s) GSO... 19,76 m. (15,18 mc/s) 12,30 Actualidades GRV... 24,92 m. (12,04 mc/s) 21,00 (*) Noticiário GSC... 31,32 m. (9,58 mc/s) GSB... 31,55 m. (9,51 mc/s) 21,15 Actualidades GRT... 41,96 m. (7,15 mc/s) - Assinais e lêde «LONDON CALLING», semanário ilustrado e órgão oficial da B. B. C., revista indispensável a quantos se interessam pela cultura e pelas actualidades da guerra. Depósito na Livraria Bertrand, Rua Garrett - Lisboa. Preço, 1\$20.

de Guimarães e de outras corporações civis e religiosas. - Para o Cemitério de Atouguia, realizou-se, também, naquele dia, o funeral da desditosa senhora D. Maria Irene Rodrigues Machado Ferreira, tendo-se incorporado no préstito muitas pessoas das relações da família enlutada. Na capela do Cemitério foi rezada a missa do corpo presente. De luto - Pelo falecimento de uma irmã de sua esposa, ocorrido ultimamente, encontra-se de luto o nosso prezado amigo Sr. Eduardo Lage Jordão, a quem apresentamos condolências. - Pelo falecimento de seu pai, encontra-se de luto o nosso prezado amigo Sr. António Pina da Silva, antigo chefe da Secção de Finanças em Guimarães e actual chefe da mesma Repartição de um dos Bairros de Lisboa, a quem endereçamos os nossos cumprimentos de condolências. - Pelo falecimento de sua extrema esposa, ocorrido, há dias, em Nine, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e hábil funcionário do Tribunal Judicial, Sr. José Alberto Martins, a quem apresentamos as nossas condolências. - Pelo falecimento de seu pai o importante industrial do Bairro Sr. A. J. da Silva Pereira, encontra-se também de luto o nosso prezado amigo e conceituado industrial Sr. Carlos da Silva Pereira, a quem apresentamos condolências. Falecimentos - Contando cerca de 90 anos, finou-se, no domingo, na sua residência, na Estância da Pena, o antigo e simpático ermitão de N. S.ª do Carmo da Pena, Sr. Joaquim da Silva, que há mais de 20 anos exercia aquele cargo com muito zelo e verdadeira dedicação. O saúdo velho, que era geralmente estimado e muito conhecido, prestou serviços no antigo Colégio

NOTÍCIAS DO EDIPISTA - SECÇÃO CHARADÍSTICA - dirigida por Lusbel.

Campionato de Novíssimas

Relatório da 6.ª eliminatória

Prezado Confrade: Da 6.ª eliminatória do seu Campionato de Novíssimas, escolho as dez seguintes: 17, 7 - 20, 10, 13, 3, 16, 6, 18, e 2. Por que não voto as outras? Porque são todas más, piores ainda do que a quasi totalidade daquelas em que votei. Que pobreza! Sempre ao dispor, o confrade dedicado SATANAZ.

APURAMENTO

3 e 13 (Lérias); 6 e 16 (Tinobe); 7 e 17 (ALVARINTO); 2 (Jodias); 10 (Alfer); 18 (Morenita); 20 (Laruce).

Os trabalhos para a 7.ª eliminatória devem estar em nosso poder até ao dia 3 de Janeiro próximo, sem falta.

Charadismo PARA DECIFRAR

N.º 12 - 4.º ano - 10.ª Série

Em verso ANTIGA Cartas desvolidas III

1) Minha qu'rida Dia a dia eu aguardo essa alegria de ler uma carta tua. Mas o tempo vai passando, e eu por cá vou pensando, na dor que mais se acentua! Que fiz eu para merecer o teu cruel proceder, tão triste realidade?! Neste Destino tão vario, tristonho e tão solitário, vivo apenas da saudade! Ainda há pouco fitei o teu retrato, e nem sei dor que mais nos atormenta! Nestas horas de tristeza, não terei mais a riqueza de viver feliz, contente! - 2-1 Lisboa. LÉRIAS (F. L. - L. A. C. - T. C.)

ENIGMA

A porta dum loja vi um dia Uma linda mulher que me olhava Parei. Eu estava longe mas bem via Que era em mim que o seu doce olhar possuava. Que linhas! Que elegância! Uma face Tão linda como mais nenhuma eu via De longe expuz, sem contido ligasse Por gestos, ao amor que eu já sentia. Mas ela mantendo o ar mudo e quedo Apenas aos olhos meale brilho deu Não os tirando de cima de mim Eu hesitei primeiro. Depois a meda Atravessai e rua, e, oh Deus meu! A mulher era... era um manequim. Coimbra. JOHN BIFFE (C. C. C.)

Em prosa BIFORMES

3) O dinheiro é, das ambições, o limite. - 2 Pôrto. DIADEMA (A. C. I. - L. A. C.) 4) A dissimulação muita maldade encobre! - 3 Penafiel. SATANAZ (L. A. C. - F. L.)

MEFISTOFÉLICAS

5) Bebida excessiva, tange a mentira. - (2) 2 3 Guimarães. DORALVAS. 6) Auxilia o próximo, mas sem vezame, para que não ofendas a lei divina. - (2-2) 3 Lisboa. TINOBE A. C. I. - T. E. - L. A. C.)

NOVISSIMAS

7) Quem tenta causar tristeza a outrem, é um atrevido. - 2-1 Riba d'Ave. ATRAZADO (L. A. C.) (Ao amigo A. L. C.) 8) A sorte costuma ser ingrata para quem vive na miséria. - f-1 Pôrto. LABITA (T. E.) 9) Aspecto sadio, favorece toda a pessoa perfeita. - 2-1 Pôrto. PACATÃO (T. B. - T. E.) 10) Desfalece o mais forte, o fundamento da morte. - 2-3 Pôrto. SADRIGAITA (A. C. I. - L. A. C.)

SINCOPADAS

(Ao Ilustre Secretário de «O Novíssimo») 11) Quem madrega muito, nem sempre é quem mais produz. - 3-2 Pôrto. A. L. C. (CEL-CP-RTB-TC-TE) 12) Acto impensado nunca é acto incompleto. - 3-2 Lisboa. FUGUIGAS (T. C. - T. E.) 13) Enquanto estiveres na aula, conserva sempre boa aparência. - 3-2 Setúbal. PATÊGO D'AZOIA (S. C. S.) 14) A valentia dos elementos, faz trener escravo e senhor. - 3-2 Pôrto. REI DO ORCO. 15) Todo o favor desinteressado, deve ser agradecido. - 3-2 Setúbal. SADINO (S. C. S. - L. A. C.)

As listas do presente número devem ser-nos enviadas até 4 de Janeiro.

Gralhas - No número passado saíram dois «mias», que vamos rectificar: n.º 9 - o 2.º conceito é ruína e não lares; n.º 14 - a numeração silábica é 3-1, em vez de 4-1, como saiu. Desculpem, sim? P. de Inkin - Este nosso prezado amigo e colaborador, consorciou-se há dias, motivo por que lhe apresentamos sinceros cumprimentos. Que a Divina Providência lhe conceda felicidades sem fim. Lusbel.

BOAS FESTAS

A todos os Edipistas os nossos desejos de Festas Felizes. LUSBEL.

DO CONCELHO

As malfadadas retores

VIZELA - Depois da nossa notícia sobre a construção das retores publicas em Vizela, vamos ampliar a justificação de tal construção com o flagrante estado de coisas que vimos hoje e todos os dias junto da paróquia de S. João das Caldas. Não temos, infelizmente, conhecimento de quem procura satisfazer qualquer necessidade no adro da igreja mais central da vila, o que temos a certeza e que só pessoas de baixo sentimento moral e religioso podem sem vergonha fazer tal. É penoso e vergonhoso até, ver o ponto degradante a que chega um ser humano que sem contemplação pela crença de cada um nos rebaixa a todos com as suas porcas acções. Tudo isto se deve em grande parte à falta de umas malfadadas retores. Estamos ainda a começar a citar um local que gente sem credo religioso procura para a prática de tal necessidade, mas podemos apontar outros lugares onde o cheiro nauseabundo é já horrível e isto nas escadas de S. João, nas rampas que levam ao Balaério, na Praça da República, e entre o antigo hotel Vizela e do Padre, etc., etc. Um verdadeiro estado de coisas que deve ter uma solução digna e rápida, não só para terminar tam vergonhoso estado de atrazo dum povo que tem jus a melhor respeito da parte de quem nos visite, e, de modo especial o devido respeito pela própria saúde pública. Nisto que pedimos, justifica-se com factos a sua rápida solução e depois um rigoroso serviço de fiscalização, mas antes da fiscalização apareça a construção de tal melhoramento, o que presentemente seria a maior e melhor obra dos últimos anos.

Num próximo número vamos procurar ouvir, sobre este caso, a opinião do ilustre vereador Sr. José Ribeiro Moreira de Sá e Melo, que à nossa terra vem dando todo o seu valioso impulso num sentido de progresso e modernismo.

Podemos já dar como finalizadas as obras das ruas Ferreira Caldas e Latino Coelho, que de modo especial a primeira fica a melhor rua da vila. Onto tanto não podemos dizer da segunda pois que ficou em meio ou pouco mais.

Não temos conhecimento se a sua não conclusão é motivado por falta de parafatos ou outro motivo, o que lamentamos e que não fosse até final, melhorando assim toda esta rua. - Por proposta da ex.ª Direcção dos Bombeiros Voluntários de Vizela, foi publicada a ordem de serviço n.º 50 de 30 de Novembro de 1941 que louva, pelo constante desvelo que lhe merece o serviço a seu cargo, o ex.º médico da corporação, Dr. Alfredo Pinto de Sousa e Castro, louva ainda pelos relevantes serviços prestados com a instrução do corpo activo os Srs. Sargento Joaquim Costa e Manuel Pinto Cardoso, respectivamente chefe e sub chefe de secção e ainda o voluntário Eudardo da Silva Pereira, pela particular solicitude nos seus serviços.

Pela mesma ordem foi louvado o quarteleiro e motorista Sr. Francisco de Lemos Branco, pelo zelo e prontidão em todo o serviço a seu cargo. Esta ordem é assinada pelo seu Comandante Sr. A. Vasconcelos, que mais uma vez demonstra o quanto é reconhecido o exemplo destes benemeritos soldados da Paz e o seu ilustre e distinto médico assistente. - C.

Vende-se Máquina de cravar. Nesta Redacção se diz. 224

J. Mendes Ribeiro Júnior

Rua de Paio Galvão (Stands n.ºs 11 e 12)

GUIMARÃIS

Telefone, 81

Representações, Comissões e Consignações. Matérias primas, anilinas e produtos químicos. Máquinas de Fiação, Tecelagem, Acabamentos e Tinturaria. Ferramentas, Correias e Acessórios para tôdas as indústrias.

SEGUROS contra todos os riscos.

Agente da CIDLA (Distribuidores exclusivos dos produtos SACOR).

Fábrica de Tecidos de Linho e de Algodão

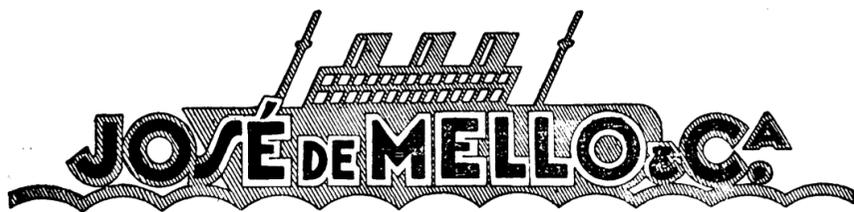
PANOS EM TODAS AS LARGURAS

DE

Albano M. Coelho Lima

Telefone, 12

PEVIDÉM



DESPACHOS DE EXPORTAÇÃO,

IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM

**RUA NOVA DA ALFANDEGA, 67
PORTO**

CASA FUNDADA EM 1828

TELEFONES { Escritório, 73
e Estado, 57

Agentes de Navegação, de Fabricantes e Negociantes estrangeiros e nacionais

O MELHOR CAFÉ É O D'A BRASILEIRA

Teles & C.ª, L.ª

75, Rua de Sá da Bandeira, 91
PORTO

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO
Praça D. Afonso Henriques
Guimarães

Fábrica de Tecidos

de

António José Lopes Correia, Filhos

TELEFONE, 13
(Réde de Guimarães)

PEVIDÉM

Este espaço destinava-se a um anúncio da **Fábrica de Pentes para Teares e Tecidos de Colchas e Cobertores**, do Snr. **AUGUSTO PINTO LISBOA**, do importante Centro Industrial do PEVIDÉM.

Como aquele nosso amigo não dá anúncios da sua importante Fábrica, não pôde ser utilizado ao aludido réclame.

COMARCA DE GUIMARÃIS
Secretaria Judicial
ANÚNCIO

Arrematação--Almoeda

(1.ª Praça) (2.ª publicação)

No dia 11 de Janeiro próximo, de 1942, pelas 14 horas e no lugar de Santa Apolónia, freguesia de Silvares, casa do depositário Egidio Pinheiro Salgado, por virtude do ordenado nos autos de execução por custas que o Ministério Público move contra José Ribeiro ou José Ribeiro Mateus, da freguesia dita de Silvares, e que corre por apenso à acção sumaríssima que contra este moveu Joaquim Pinheiro, da freguesia de Brito,

tem de proceder-se à arrematação, em almoeda, de vários géneros de consumo e mobiliários penhorados ao executado, para serem entregues a quem por eles mais oferecer, acima dos seus respectivos valores, a saber: Cascos com vinho tinto, — cascos vasos, — um banco, — uma mesa de pinho, — um mocho, — um armário, — um relógio despertador e dez garrafas de vinho tinto.

Guimarães, 6 de Dezembro de 1941.

O Chefe de Secção,
Serafim José Pereira Rodrigues

VERIFIQUEI.

O Juiz de Direito,
Rodolpho Arthur d'Abreu.

Anunciar no «Noticias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

BOLOREI.. Finíssima qualidade
— DE — **“A Regional”**
Abílio Machado
RUA DE ALCOBAÇA (às Escadinhas)
Fornadas todos os dias.
VENDE a Casa Braga & Carvalho, Sucessores.

Litografia Ideal, Ltd.ª

Travessa de Cedofeita, 22 -- PORTO

TELEFONE, 5077

Execução esmerada e cuidadosa em todos os trabalhos do seu género: RÓTULOS, CARTAZES, CROMOS, RÉCLAMOS, IMPRESSOS DE ESCRITÓRIO, ALTO RELÉVO e FOTO-LITO.

A's Fábricas de Tecidos recomendamos, no seu interesse e conveniência, nos consultem nos seus trabalhos de litografia a executar.

Economia e perfeição. Preços de concorrência. Peçam orçamentos.

Fábrica
de
Tecidos
da
Cruz
de
Pedra,
L.^{da}

TELEFONE, 190

GUIMARÃIS

Fábricas e Armazém de Tecidos de
Algodão, Fábrica de Móveis e Serração
e Fábrica de Pentes de Vila Pouca

DE

Alberto Pimenta Machado

Rua de Paio Galvão

Rua de Gil Vicente

TELEFONES:

ARMAZÉM, 59
ESCRITÓRIO, 110
RESIDÊNCIA PARTICULAR, 87
FÁBRICA DE MÓVEIS, 243
FÁBRICA DE PENTES, 228

FILIAL: Rua de Santo António

TELEFONE, 180

Vendas a Retalho. Colossal Sor-
tido em Casimiras e inúmeros
Artigos para Homem e Senhora.

GUIMARÃIS

A SOCIAL

Companhia Portuguesa de Seguros

S. A. R. L.

Capital Esc. 500.000\$00

Preferida pela organização da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

SÉDE -- Rua Cândido Reis, 51 a 61

PORTO

Delegação em Guimarães

Rua de Paio Galvão—Telefone 277

POSTO DE SOCORROS

Rua da República—Telefone 148

Empresa Textil

DA

Cuca, Limitada

FÁBRICA:

MOREIRA DE CÓNEGOS
VIZELA

TELEFONE, 24

② ② ②

Séde e Escritório:

56, R. Passos Manuel, 58
PÔRTO

TELEFONE, 1147

② ② ②

Fábrica de Fiação

e Tecidos de algodão

e mixtos com sêda